

No Rio, convocação para a "Caminhada da Esperança".

A "Caminhada da Esperança", convocada pelo PMDB do Estado do Rio para sair da Candelária às 17 horas de hoje com destino à Cinelândia, poderá ser a principal homenagem pública a ser prestada pelos cariocas ao presidente Tancredo Neves. Ontem, feriado nacional, o centro do Rio estava vazio mas as praias ficaram cheias. Em todas as rodas, o assunto era um só: a morte de Tancredo. E muita gente chorou.

A parte oficial das homenagens ficou por conta da missa celebrada na catedral metropolitana por d. Eugênio Salles, com a presença dos comandantes militares da área. O governador Leonel Brizola, presente aos funerais em Brasília, foi representado por sua mulher Dona Neuza, a única a comungar.

No sermão, o cardeal ponderou: "A lógica de Deus é diferente da lógica dos homens. Rezamos muito por ele, mas devemos acreditar na fecundidade do sofrimento e na força dessas orações. Elas surtiram efeito, de uma certa forma, para o bem de Tancredo e do Brasil".

A maioria dos cariocas parece ter preferido rezar em templos mais próximos de casa, ou simplesmente ir à praia, melhorando o faturamento dos vendedores de sanduíches e refrigerantes. Ontem, o tempo esteve bom, com a temperatura de até 30 graus, compensando um sábado frio e com chuva. O vendedor Eugênio, que trabalha no trecho da avenida Vieira Souto em frente ao Country Club conhecido como "Serra Pelada" (porque as mulheres vão à praia cobertas de ouro), explicava:

— Hoje (ontem), com o feriado da morte do presidente, deu para recuperar um pouco.

Mas houve momentos de grande emoção. "Foi um fim de noite como poucos que já vi em minha vida profissional", disse o garçon Osiel dos Santos, da conhecida Cantina Fiorentina, no Leme. Ele contou como foi recebida a notícia da morte de Tancredo:

— A cantina estava cheia. Havia artistas, figurantes de TV, travestis e alguns turistas. Foi uma emoção só. Teve gente que parou de comer e pediu uma dose dupla de uísque: houve quem corresse para a praia com vergonha de chorar em público. Alguns turistas levantaram-se de seus lugares e foram de mesa em mesa cumprimentar os brasileiros, um gesto muito comum lá fora e que aqui levou o pessoal às lágrimas.

Edgard, outro garçon da Fiorentina, serviu uma mesa onde "todo mundo chorava". E os nomes de outros mortos ilustres logo foram lembrados. "Vi um sejeito levantar um brinde 'à turma lá de cima'; chorando, fez um discurso de homenagem ao presidente, falou em Cartola, lembrou o Stanilaw Ponte Preta, que costumava freqüentar o restaurante, comparou a emoção pela morte de Tancredo à emoção com a morte da cantora Clara Nunes. Virou mais uns chopes e depois saiu porta afora. Nem sei seu nome, mas fez todo mundo chorar."

O bar "Garota de Ipanema" só fechou às 6 da manhã, quando saiu o último boêmio. Lá, a notícia não foi recebida com menos emoção. Mas o principal assunto não foi a morte, em si, de Tancredo. O que mais se questionou foi a qualidade da medicina praticada no País.

Na Cinelândia, houve pequenas concentrações de populares. Numa delas, um militante do PC do B fazia "um apelo para que a população apoie o presidente José Sarney neste momento difícil". No cruzeiro situado na entrada do Túnel Novo, do lado de Botafogo, foram acesas centenas de velas.

Os relâmpagos